

## A INTERPRETAÇÃO: SEUS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS\*

Elias Mallet da Rocha Barros\*\* ; São Paulo

Penso que é importante examinar criticamente, a de forma permanente, os fundamentos da psicanálise a partir de nossa experiência, acreditando que é esta prática que produz o pensamento novo. O desejo de individualizar se, característico do momento histórico que vive nossa civilização, nos leva às vezes a confundir a original idade com o ato criador sem nos questionarmos sobre suas interações, tendo como resultado freqüente desta confusão a produção do esdrúxulo. Recentemente li um ensaio muito esclarecedor, de Glenn Gould (1991), que discutia a questão da criação a imitação na arte. Ele diz: "Mais uma cultura se encontra misturada aos idiomas a aos traços de expressão que constituem o reservatório artístico de uma dada época, menos provável que, a partir do conhecimento desses idiomas a de suas especificidades expressivas, possa surgir uma criação que seja fundamentalmente outra coisa senão a re distribuição, o re agenciamento de certos princípios seletivos tirados da experiência de outras criações. (...) A originalidade tomada no sentido real do termo, está, em conseqüência, tão afastada como a contrafação do motor dinâmico que se encontra no coração do processo criador. (...) Quais são, então, os atributos mecânicos de um ato criador? Eles não são outra coisa senão reordenação, redistribuição de detalhes que não foram anteriormente apresentados juntos num mesmo contexto." (p. 229). Resulta de considerações desta ordem minha desconfiança de posturas que pretendem ignorar o conhecimento já acumulado e, por esta razão, estou me propondo a re examinar a teoria da interpretação em psicanálise a partir de nossa experiência clínica contemporânea.

Jean Laplanche (1987) ao refletir sobre o aspecto mais "visível" da Psicanálise para aqueles que estão sendo apresentados a ela, nota que Freud inicia suas "Lições de Psicanálise" discorrendo sobre os "Atos falhos" (Fehlleistungen). Estes "atos", antes de serem falhos, são em si mesmos operações que visam comunicar alguma coisa e a falha envolvida tem uma significação dentro de um contexto relacional. O objetivo central da prática psicanalítica poderia ser descrito como sendo o de revelar àquele que comunica ti ma significação que lhe era inconsciente e que estava presente no momento da comunicação.

Bion dedicou grande parte de sua vida psicanalítica ao aprofundamento da idéia de que o alimento para o crescimento da mente é a experiência emocional e o descobrimento da verdade sobre sua natureza, o que vale dizer, sobre sua significação.

O que é interpretar? O que a interpretação produz?

Didier Anzieu (1969) diz que "Interpretar é ser o primeiro a falar daquilo que o outro ainda não sabe dizer."

T. S. Elliot escreveu:

We had the experience but missed the meaning,  
And approach to the meaning restores the experience  
In a different way...  
Four Quartets

Nós tivemos a experiência, mas perdemos sua significação,  
E a busca da significação restaura a experiência.  
De uma forma diferente...

A restauração, aludida por Elliot, de meu ponto de vista psicanalítico, ocorre no mundo interno e é operada no self, promovendo sua maior integração, que por sua vez permite que as experiências emocionais recuperem suas significações perdidas e tornem se, em conseqüência, diferentes, isto é, mais profundas, ricas e variadas.

Strachey (1934,1981) ao cunhar o termo "interpretação mutativa" referindo se ao objetivo a ser almejado (embora nem sempre alcançado ) por todo analista durante o processo da psicanálise, não se referia apenas às interpretações que produziam "mudanças". A palavra "mutativa" tem sua origem na palavra "mutação", termo da genética, e conota um tipo particular de mudança. Uma mutação altera não só o presente, mas toda a progenitura que vier a se originar deste presente. A interpretação mutativa é aquela que altera a estrutura da organização mental e passa a produzir experiências emocionais de qualidade diferente.

A palavra "interpretação" é a melhor tradução encontrada para o termo alemão Deutung em sua conotação de "clarificação" e "explicação". Ao me referir a essa conotação estou querendo enfatizar o aspecto objetivo da atividade e evitar qualquer mal entendido que possa levar o leitor a acreditar que interpretar, para Freud, signifique impor um sentido totalmente ditado pela subjetividade do analista à comunicação do paciente.

Freud (1900) em seu trabalho sobre a Interpretação dos Sonhos define o que entende por interpretação. Interpretar um sonho é estabelecer sua Bedeutung. O termo Bedeutung refere se tanto ao resultado acabado de um processo quanto ao próprio processo, e quer dizer tanto "significar" quanto "significação". A atividade interpretativa constitui se num processo progressivo de estabelecimento de associações perdidas que levam ao desvelamento, de uma ou muitas significações.

A concepção que sugere a existência de uma divisão de trabalho claramente estabelecida na relação analítica entre o analista que interpreta e o paciente que produz o material é, neste contexto, artificial. A significação está potencialmente contida no material e é parte da vida mental do sujeito que a produziu, mas não está diretamente acessível a ele, pois depende do restabelecimento de uma série de ligações perdidas principalmente através de cisões, identificações projetivas e repressões. \$ através da relação transferencial estabelecida, isto é, num contexto interacional, que esta significação pode se revelar mais claramente.

O que interpretamos? Joseph Sandler (1988), diz:

Podemos adotar o ponto de vista de que as relações de objeto sempre envolvem uma interação entre self e objeto. Assim na memória e em pensamento, nas fantasias conscientes e inconscientes, assim como nos desejos, nós não encontramos a representação do objeto e do self isoladamente, mas em interação. (grifos meus).

Neste contexto, Isaias Melsohn (1990) diz:

...suponho que a substância da sessão psicanalítica é a relação intersubjetiva e o seu instrumento, a palavra. (Ide, n° 19; p. 30)

Interpretar, no caso, consiste em descrever para o paciente sua fantasia inconsciente, que inclui uma representação da ansiedade mais emergente na sessão, e das defesas empregadas para lidar com esta, em termos de relações entre self e objeto. Não é possível traduzir para o paciente sua fantasia inconsciente sem indicar como ela se manifesta na sessão, se quisermos fazer uma interpretação viva e não teórica. Frequentemente esta fantasia é atuada na sessão através de "convites" implícitos para que atuemos agindo de determinadas maneiras ou sentindo certas emoções. Sempre que podemos chamar a atenção do paciente para os indícios de que isto está ocorrendo e sugerir um significado para o que está sendo atuado, estamos levando o a testemunhar as evidências empíricas que podemos arrolar para apresentá-lo a si mesmo.

Esta concepção interacional deu origem a uma nova abordagem da interpretação da dinâmica mental. De interpretações voltadas para a descrição do nível intrapsíquico evoluímos para interpretações que descrevem o intrapsíquico ao nível de sua manifestação na relação interpessoal, o que vale dizer, o intrapsíquico manifesta-se através da relação transferencial.

Interpretar, dentro desta perspectiva, não consiste em oferecer uma opinião gerada na mente do analista, a partir de suas crenças pessoais ou teóricas, sobre como o paciente lhe parece ser. Trata-se de oferecer uma descrição com vistas a compreender, com base no que podemos observar, qual a natureza do sistema mental com o qual o paciente mantém seu estado de equilíbrio psíquico com que opera no presente. Seria, a meu ver, ingênuo imaginar que nossa descrição não tem por parâmetros segmentos teóricos. Estes podem ser menos ou mais rígidos, estarem ou não disponíveis para reformulações em função da experiência clínica. É a rigidez e o uso defensivo destas teorias que pode nos atrapalhar clinicamente e não a existência, em si destes segmentos teóricos.

Minha concepção é bem expressa pela descrição que Betty Joseph (1991) faz da postura do analista durante a sessão:

Estou sugerindo que, se nos mantivermos concentrados primordialmente no modo de nosso paciente preservar seu equilíbrio e no movimento da transferência, ambos paciente e analista estaremos acompanhando movimentos sutis e potencialmente observáveis e, assim, o paciente se sentirá apoiado para se manter observando o que aí está ocorrendo.

Estou usando o conceito de transferência para me referir ao resultado de uma externalização imperiosa, devido à pressão exercida pela ansiedade, das relações objetivas internalizadas, a sua origem remonta aos mesmos processos que, no passado, iniciaram as relações objetivas, isto é, cisão e identificação projetiva. Naturalmente não encaro este mundo interno como um decalque, uma cópia subjetiva do mundo externo. Os objetos internos são constituídos, desde o nascimento, por uma sucessão de projeções (desencadeadas pela pressão da ansiedade de aniquilamento) e têm uma certa autonomia.

Como analista, ao interpretar, estou interessado em despertar o interesse de meu paciente por se auto observar e em desenvolver sua percepção da realidade psíquica.

Ao interpretar, entretanto, estou desempenhando um papel ativo enquanto agente transformador das experiências emocionais passível de ser introjetado pelo paciente. Esta noção do analista como um agente ativo das transformações que se operam na mente do paciente é uma decorrência direta da concepção da função continente das vivências emocionais exercida pela mãe durante o processo de desenvolvimento e a base para a formação de símbolos.

O fato de estarmos enfatizando que a interpretação está contida no material, a não é uma criação arbitrária do analista, tem importantes implicações técnicas.

Por exemplo, questões relativas a se devemos ou não interpretar um material quando percebemos sua significação, torna-se artificial. O que justificaria não interpretar se nos damos conta do sentido de um material do paciente, se este sentido é produzido pelo próprio paciente embora este não tenha acesso direto a ele?

Não podemos confundir a questão de interpretar ou não com a questão de quando e como comunicar nossa interpretação para o paciente. A escolha do momento de interpretar nos remete ao problema da importância de identificarmos apropriadamente o nível em que nosso paciente está funcionando de maneira a falarmos com ele numa linguagem direta, sem criar a impressão que estamos fazendo uma conferência sobre ele a sua maneira de ser.

Nem sempre apreendemos, de imediato, o significado transferencial do material que nos é apresentado, embora este sempre permaneça sendo nosso objetivo. A interpretação transferencial não é a única forma de intervir. Podemos também fazer um esclarecimento, uma descrição de um estado de espírito, apontar para uma dissonância afetiva etc. É sempre bom lembrar que a mera referência ao "aqui e agora" e à figura do analista não configuram uma interpretação transferencial. Uma interpretação transferencial é aquela que estabelece uma ligação, respeitando a lógica existente na relação entre as representações conscientes e inconscientes, o mundo da realidade externa e o mundo interno.

Freud (1914) enfatiza que existe uma grande diferença entre uma experiência vivida e a recepção de uma informação de ordem intelectual sobre fatos de nossa vida psíquica. Ele diz:

Mas a menor reflexão mostra a identidade da informação comunicada e da lembrança reprimida do paciente é aparente. Ter escutado e ter vivido são duas coisas de natureza psicológica bem diferentes, mesmo que o conteúdo de ambas seja idêntico. (grifos meus)

A interpretação transferencial tem por objetivo focar o dinamismo intrapsíquico numa experiência que esteja sendo vivida, naquele momento, por nosso paciente.

O ato de interpretar envolve mais do que uma tradução simples de significados de tipo denotativo tal qual encontramos em dicionários. Interpretações do tipo: "isto quer dizer aquilo..." são frutos de uma técnica falha e resultam de um desconhecimento da concepção da estruturação do psiquismo humano proposta pela psicanálise.

E, portanto, toda fala, todo ato de parte de um paciente não é uma simples expressão de uma dupla inscrição de representações em diferentes instâncias do psiquismo. Toda manifestação do paciente reflete uma solução de compromisso, ou, para dizer numa linguagem mais contemporânea, reflete um particular estado de equilíbrio mental, isto é, de configuração defensiva, que permite manter a ansiedade num nível tolerável.

A lógica que liga o material consciente à fantasia inconsciente é complexa. Raramente ela é de tipo analógico. Não é porque a paciente, por exemplo, está falando da briga que teve com o marido na noite passada que devemos interpretar que ela está brigando agora conosco na sessão. Fazer uma analogia é estabelecer uma relação de correspondência entre dois objetos que não muda nada em relação à essência dos objetos em si mesmos. O termo analogia significa relação de proporcionalidade matemática. Já a metáfora refere-se a um transporte de sentido, baseado numa semelhança de função ou significado. Diferentemente da tradução analógica de caráter denotativo e/ou conotativo, ao interpretarmos estabelecemos novos significados e ligações que não existiam antes fora de um espaço potencial. Não é por acaso que os termos metáfora, transferência e tradução são, em sua etimologia, sinônimos.

A interpretação introduz uma novidade, ao fazer novas ligações, que leva a uma reorganização do campo emocional. Ao dar-se conta de uma significação presente numa maneira de ser, expressa por uma conduta verbal ou não verbal, o paciente tem uma experiência que interfere sobre a maneira como sua vida mental está organizada e produz uma mudança na natureza das relações.

Como avaliar se uma interpretação faz sentido ou não ou, dito de outro modo, se estabelecemos ou não uma comunicação com nosso paciente? Parece claro que não podemos nos fiar na opinião que este tem a respeito. Está implícito na concepção que estamos apresentando que quando uma interpretação faz sentido revela uma significação ela tem um efeito transformador no psiquismo. Quando algo faz sentido para o paciente, em geral, são estabelecidas novas conexões entre sentimentos e novas emoções são geradas. Assim sendo, avaliamos nossas interpretações pelos movimentos emocionais inconscientes que elas produzem. Frequentemente estes movimentos são detectados através de lembranças e sonhos.

Os fenômenos mentais dificilmente podem ser apreendidos de maneira mais completa a partir de sessões isoladas. Precisamos observar a repetição de padrões, a partir de um exame minucioso da natureza do sistema defensivo utilizado pelo paciente, para lidar com situações de ansiedade ao longo de um conjunto de sessões para podermos discernir (desvelar) a fantasia inconsciente subjacente. Elizabeth Rocha Barros (1991) descreve este método como consistindo do emprego ora de uma lente zoom, que nos permite o exame pormenorizado dos movimentos nas sessões, ora de uma lente grande angular, que nos permite uma visão do todo.

Gostaria de trazer para vocês o material da entrevista inicial de uma paciente e depois uma sessão ocorrida alguns meses mais tarde. Meu objetivo é ilustrar como as interpretações são construídas a partir do material do paciente, o que ocorre quando interpreto e discutir a maneira como falo com ela.

Esta paciente foi atendida em Londres há alguns anos e eu me referirei a ela como Ana. Sua análise durou vários anos.

Em sua primeira entrevista conta-me que segue uma carreira artística e tem ocupado a posição de solista em diversas óperas, dá o nome da companhia da qual faz parte, tratando-se de uma companhia de grande prestígio na Europa. Diz que seus problemas começam aí. Do ponto de vista objetivo é alguém de inegável sucesso, sua vida familiar e afetiva vai muito bem, mas apesar disto ela sente um desespero incontrolável, uma sensação de enorme fracasso. Seu desespero é tanto que chega a pensar em se matar. Neste ponto conta-me que além de sua atividade artística principal, também escreve e diz que esta é a única área de sua vida pela qual sente ter um interesse genuíno, que lhe dá prazer, embora não saiba se tem ou não talento. Diz que neste domínio frequentemente sente-se uma fraude. Sua produção literária não é pequena, embora só tenha circulado em edições limitadas. Acrescenta que sua relação com os filhos também lhe dá muito prazer.

Sou informado que ela se desenvolveu no seio de uma família social e financeiramente com certo prestígio público e que por esta razão sempre teve uma série de compromissos sociais e se acostumou a ser tratada como alguém "especial" embora quando pensa, ou pensasse quando criança, nunca entendera bem no que era especial. Depois de adulta passou a considerar este tratamento especial como fruto de mera adulação. O pai tem preocupações intelectuais, é muito culto, uma figura muito importante para ela, com quem tem muito bom contato. O pai, devido a compromissos relacionados com sua posição social e financeira, não pôde dedicar-se à cultura como teria desejado. Diz também acreditar que o pai delegou aos filhos esta realização intelectual que não pôde ter. Sou informado que tem outros irmãos e que o irmão imediatamente anterior a ela havia sofrido um acidente sério quando tinha 14 anos que mudou o curso de sua vida. Até então era considerado uma criança excepcionalmente bem dotada que se dedicara à música e já havia obtido alguns prêmios de importância mundial. Num acidente cortou alguns tendões dos dedos das mãos e assim terminou sua carreira. Hoje este irmão é um homem de sucesso, numa área associada à cultura, mas que não tem nada a ver com a música. Embora não tenha certeza de sua opinião, acha que este irmão era o preferido do pai e que, depois do acidente, ela ocupou o lugar dele.

A mãe aparece muito pouco e é descrita como uma pessoa menos viva "no meio de tanta vedete", diz com certa hesitação. A maneira como ela chegou até mim ocupa um lugar central em seu relato. Refere-se a um grupo de pessoas que lhe deram seu nome, enfatizando ser este grupo constituído de pessoas muito conhecidas como intelectuais e que ela queria fazer análise com alguém como eu.

Muitas outras coisas são ditas mas gostaria, pára o propósito de nossa conversa, limitar-me a estes dados.

Devido a seus compromissos profissionais fazemos um arranjo com respeito aos horários que sai um pouco de minhas normas, mas que era o único possível para ela poder se analisar.

A paciente é atendida 5 vezes por semana.

A sessão que vou relatar ocorre alguns meses depois da entrevista mencionada.

A paciente inicia a sessão, numa segunda-feira, muito irritada. Queixa-se de que terá que viajar mais uma vez em virtude de seus compromissos profissionais. Isto implica, naturalmente, em ter que perder algumas sessões. Diz que se sente escrava de seu trabalho, que exige muito e do qual depende; não acreditando que possa resistir às pressões do grupo com o qual trabalha.

Estas coisas são ditas também com um certo desespero.

(Minha primeira reação é de simpatia por ela)

Ela continua irritada dizendo que sempre fez muito esforço para organizar sua vida de maneira que seu trabalho não interferisse com a vida da família, tendo em vista as frequentes viagens dela e do marido. Comenta que não gosta de ficar separada do marido e acreditava que ele também não gostava de ficar longe dela e por isto planejava tudo de maneira a que isto ocorresse o

menos possível. Diz que se organizava também levando em conta os filhos de maneira a que sempre tivesse alguém com eles. Queixa-se que o marido não tem o mesmo cuidado. Conta que ao comunicar a ele que teria que viajar, ele disse: "que chato, pois eu também tenho que viajar!" Ela nada sabia sobre isto, ou melhor, apenas tinha uma vaga idéia de que havia uma viagem planejada para ele, embora não tivesse a data na cabeça. Sente que o marido não tem a mesma consideração que ela tem por ele e sente que ele, contrariamente às aparências, talvez não goste tanto dela como pensa. Ele fica separado dela com mais facilidade e talvez nem sinta falta. Quando ela contou para ele que estava chateada ele a abraçou, mas sem afeto; ela sentiu-se incomodada pela maneira como ele a abraçou. Havia algo de erótico totalmente impróprio para a situação emocional dela. Ela o afastou. Com certa tristeza pensa que ele talvez esteja ligado a ela mais pelo uso que faz dela. Acrescenta que sente que ele vive competindo com ela, que na verdade ele talvez não tenha talento, que se sobressai graças a ela, graças a ser conhecido como "o marido de Ana".

(Continuo simpático a ela, mas sinto que automaticamente vou concordando com as críticas dela ao marido. Nesta altura, contudo, começo a me perguntar se eu estaria certo em fazê-lo. Ao examinar meus sentimentos, sinto-me como se estivesse sendo forçado a me colocar do lado dela e ao mesmo tempo muito incomodado com isto. Entretanto, ainda sinto muita simpatia por ela.)

Prossegue dizendo que já refletiu sobre a relação que tem com o marido. Diz que reconhece que contribui para esta situação se manter, mas também pensa que talvez o marido não seja muito capaz intelectualmente e que isto é um problema para ela.

Sente-se envergonhada em várias ocasiões nas quais o marido está presente; acha que ele dá "foras" nos ambientes intelectuais que ela frequenta. (Esta versão do marido como figura desvalorizada não é a que predomina em seu material, embora apareça de tempos em tempos). Ela diz que também sente que é valorizada mais por sua beleza do que por seu talento. Sente-se, freqüentemente, uma fraude e que as pessoas são falsas ao mostrarem admiração por ela. Pensa que as pessoas ficam encantadas com ela porque é atraente e "pensadamente" charmosa. Comenta que não sabe o que quer, porque também quando alguém a critica pela sua performance, ela desaba. "Parece que eu preciso ser admirada o tempo todo para me sentir bem. Eu não penso que deva ser assim, mas me comporto como se esta fosse a única maneira de existir. Eu quero a crítica, preciso dela, mas quando ela vem ....".

(Nesta altura estou-me sentindo irritado com ela, mas sem saber porque. O que ela diz tem certo tom de razoabilidade, mas a irritação na voz da paciente persiste e me incomoda.)

Ela volta ao tema de que não tem como se recusar, terá que viajar, teremos que encontrar um novo horário de modo a ela não perder as sessões da semana, o que não estava previsto, fazendo um novo arranjo comigo. (Isto é dito como algo que não tem outro jeito, terei que me adaptar a ela, mas com um tom de voz que soa ligeiramente sedutor) Sente-se escrava do grupo para o qual trabalha. Não há como resistir a eles, diz minha paciente com ênfase. Por fim, acrescenta que o pior é que eles a querem não pelo talento, mas porque ela dá bilheteria. Ela recebe os papéis por recomendação do Departamento de Marketing e não por indicação do Departamento Artístico. (Ela está se referindo ironicamente ao fato de que sente que é convidada para participar das coisas pelo seu rosto bonito. Embora tenha sempre querido ser artista e tenha seguido cursos correspondentes, teve um período da vida durante o qual foi uma modelo de relativo sucesso) Ela está quase chorando.

Nesse momento, depois de examinar meus sentimentos, a atmosfera que colore a sessão e refletido sobre as situações que ela me conta, penso ter compreendido alguns aspectos do material e decido intervir.

Gostaria de mostrar como chego à interpretação.

Ao examinar meus sentimentos penso que há algo de muito sedutor na paciente, algo cativante em sua maneira de falar e que ganha relevo quando associado ao fato dela ser muito atraente. Mas sua sedução não produz apenas atração. Há algo na atmosfera criada que cria também uma obrigação de ser como ela quer, pensar como ela pensa. Acredito que a irritação que sinto esteja associada a este controle. Há nela um certo desamparo que se transforma rapidamente em desespero. Sinto que é genuína sua aflição em perder as sessões, caso eu não re-arranje meus horários. Estou inclinado a fazê-lo, embora com certa irritação. Pergunto-me se não ofereci, em muitas ocasiões, arranjos de horários que me eram desconfortáveis para agradá-la e se a tratava de maneira especial. Penso que havia uma inclinação em mim a tratá-la de maneira especial, estimulado pelo seu desamparo e por seu "charme", mas que ao mesmo tempo todos os arranjos respondiam primordialmente às suas necessidades profissionais. Não consigo deixar de sentir um certo mal-estar associado à idéia de que não é correto tratá-la de maneira especial. Ao pensar nos novos arranjos que sou convidado a fazer para acomodá-la sinto-me sob enorme pressão, sem saída, desconfortável e irritado.

Creio que a paciente comunica, através do que me conta, um dilema básico. Ela gostaria de ser valorizada como ser humano, por suas qualidades intelectuais, e sente que todos a valorizam pela sua beleza, por qualidades supérfluas. Sente-se desamparada e não é capaz de tolerar este sentimento e fica, então, sem ter outra escolha a não ser apelar para a sedução via sua beleza, charme e simpatia. Quando as pessoas cedem a ela, de um lado gosta e fica aliviada, mas, de outro, sente que sua crença de que é incapaz é verdadeira e passa a desprezar a pessoa a quem ela seduziu. Desta forma, cria-se um círculo vicioso

De que maneira este material está associado se é que está à situação transferencial? Que posso dizer a ela a partir do que observo acontecendo em mim, dos sentimentos que observo nela e das coisas que ela me relata? Existe uma maneira de traduzir seu relato numa interpretação que faça conexões que são inacessíveis a ela?

Penso que o material se refere a diversos cortes temporais simultaneamente. Ele diz respeito aos sentimentos que tem em relação a uma situação imediata associada ao desamparo relacionado com a possível perda de algumas sessões, mas também a um passado mais recente de nossa relação, a saber, aos sentimentos vivenciados em conexão com a separação que ocorreu entre nós em virtude do fim de semana. Ela vivencia esta separação como fruto de meu desinteresse por ela. Na transferência represento um objeto que a abandona por não apreciá-la, e por não gostar genuinamente dela. Ela sente que fiquei e posso ficar com ela apenas para me auto-engrandecer e isto é conseguido via sedução que ela exerce sobre este objeto utilizando-se da beleza física e do seu charme. Será possível articular estes cortes temporais numa interpretação?

A sessão está ocorrendo numa segunda-feira. O primeiro material trazido se refere à crítica que ela faz ao marido por não fazer nenhum esforço para não ficar longe dela, para não separar a família e ao sentimento que ela tem, estimulado por estas situações, de que o marido não a valoriza pelo que ela é como ser humano e não a ama genuinamente, mas se utiliza dela para se auto-engrandecer. Q marido aparece como figura desvalorizada, como resultado de uma identificação projetiva. Ela projeta no marido seu self desvalorizado, intelectualmente incapaz, e o identifica com este passando a desprezá-lo. Ao ser relatado para mim na sessão, estas histórias expressam algo mais do que o problema objetivo referente a ter que viajar e às dificuldades que

tem com o marido. Creio que estes acontecimentos e sentimentos narrados servem de veículo para ela expressar uma situação interna que é comunicada para mim através de uma série de identificações projetivas e têm um significado transferencial na medida em que passo a representar objetos de seu mundo interno.

Dirijo minha interpretação aos seguintes pontos:

1. Ela vivencia, enquanto adulta, a interrupção da análise durante o fim de semana como uma ocorrência natural. Em outro nível, talvez mais infantil, reage a esta interrupção sentindo se desamparada. Este desamparo fica acentuado com a perspectiva de ter que perder algumas sessões.
2. Ela quer que eu faça algo para evitar a perda de algumas sessões de forma a evitar a intensificação do sentimento de desamparo. Entretanto, não acredita que eu possa fazer isto por reconhecer a necessidade dela e por estar interessado em cuidar dela pelo que ela me desperta. Sente que eu poderia querer ficar com ela via sedução, por não querer perdê-la como a paciente que me traz prestígio por ser importante, atraente e, desta forma, me auto engrandece. Este sentimento é estimulado pela maneira como vivenciei nosso afastamento durante o fim de semana e confirmado por sentir que as concessões anteriores que fiz em matéria de horários, foram frutos de seu êxito em seduzir-me.

Procuo transmitir estas idéias articulando-as de forma concisa em duas ou três fases.

Ela ouviu e depois de um curto silêncio diz:

Eu fiquei mal no fim de semana. Eu não consegui nem mesmo me vestir direito, não corri, não fiz ginástica e não consegui trabalhar. Nem me pentear direito eu consegui. Eu fiquei me sentindo um lixo e travada. Todas aquelas idéias que mencionei aqui sobre aquele conto que eu ia escrever desapareceram. Botei todo mundo para fora para escrever e nada! Não saiu uma linha e estava tão clara a história na minha cabeça. Na sexta sai daqui, contei para a Mariana e ela gostou. Eu estava entusiasmada e, aos poucos, durante a tarde, a coisa saiu da minha cabeça. O idiota do "X" que deveria encontrar-se comigo para discutir a publicação daquelas outras coisas, não apareceu. Pensei, vou telefonar para ele e convidá-lo para ir ao cinema para ver se ele não iria .... (Fala ironicamente, sugerindo que fulano não estava interessado no trabalho dela, mas se fosse para sair com ela estaria interessado.) Idiota!

Ah! A coisa piorou muito à noite. Tinha que sair e estava procurando um vestido azul, que é muito confortável e lindo e não achei. Minha empregada já tinha ido embora e não podia perguntar para ela onde estava. Fiquei irritadíssima e triste. Fui falar para o Johnny e o infeliz me disse: "Que pena, você fica tão bonita com aquele vestido, tão gostosa e veio me agarrando". Eu só faltei bater! Ele não entendeu nada! Também o cretino não tem senso de oportunidade. Às vezes, eu o acho muito bobo, um coitado! Sabe, é aquilo que eu disse, falta amor de verdade e, além disto, ele é meio grosso de sentimentos, meio bruto e meio bobo. Deu uma aflição enorme. Eu estava totalmente desarvorada quando fui falar com ele, buscar colo.

(Tudo isto é dito com menos irritação e desespero)

Ah! eu até sonhei com o diabo do vestido, ou melhor, o sonho foi com coisas azuis.

Sonhei que tinha um vaso chinês, azul, lindo! Estava no centro de uma mesa e havia uma festa. Todo mundo olhava para o vaso. Eu fiquei observando. As pessoas se movimentavam na festa, olhando para o vaso, parecia até que em função do vaso que elas se movimentavam. Acho que era para não esbarrar nele, para não quebrar. Eu tentava falar com as pessoas, tinha uns papéis na mão e ninguém prestava atenção. Que aflição!

Acho que o sonho foi por causa do vestido, que era de seda e azul. O vaso é "blue de chine"! A seda vem da China.

(Eu tenho duas peças chinesas, azuis, no consultório. Uma delas é um vaso de gengibre que uso como lâmpada e a cobertura de meu divã era azul)

Minha interpretação versa sobre os seguintes pontos:

1. Acho que ela está me mostrando que os sentimentos aos quais me referi na interpretação anterior começaram a se formar na sexta-feira quando ela saiu daqui.
2. Tenho a impressão que sentiu que eu me relaciono com ela da mesma maneira que me relaciono com meus vasos chineses. Ela é uma espécie de vaso chinês para mim, muito bonita e que serve para me decorar.
3. Desta forma eu sou parecido com ela na medida em que sente que vive de sua beleza e charme como objetos de decoração para esconder sua fragilidade, tal qual o vaso chinês do sonho. Sua fragilidade a leva a apelar para a sedução e a minha é vista por ela como expressa por minha adaptação às suas conveniências de horários sentida como uma resposta à sua sedução.
4. Ela sentiu que ficou sem o conforto que tinha aqui despida do azul que ela gosta e que lhe dá conforto e ficou sentindo-se desarvorada. Ela não se sentiu cuidada por mim e se identificou com este objeto e atuou este descuido, não tomando conta de si mesma durante todo o fim de semana.

Formulando estas idéias, do ponto de vista psicodinâmico, diria que na transferência sou este marido sem valor que assim se torna em resultado da projeção da Ana sem valor para dentro dele. Na vida externa ela projeta neste marido seu sentimento de incapacidade intelectual e reconstrutivamente pode estar relacionado com um sentimento de incapacidade de satisfazer o pai nas suas aspirações, identificando-o com ela. Isto é tanto mais importante porque gera culpa e persecutoriedade, porque ser uma intelectual de sucesso está associado a reparar a figura de seu pai.

Há um outro aspecto a ser notado. Ao dizer que todo mundo está interessado em sua beleza, recebendo algo dela por ser o marido de Ana, o analista de Ana, o pai ou patrão de Ana, ela está atuando uma fantasia narcísica, baseada numa crença de que todos necessitam dela e que graças a isto pode obter o que quiser. No sonho o vaso está no centro da mesa e todos se orientam em função dele. Ao se sentir, contudo, valorizada apenas pela beleza, sente que não tem qualquer outra qualidade. Ela se torna prisioneira desta situação. Ela não sabe relacionar-se com os outros a não ser seduzindo, mas ao ter sucesso, menospreza a objeto e não pode aproveitar nada que este possa ter para oferecer.

Como analista não estou preocupado se ela me seduz ou não, nem em apontar criticamente a sedução, mas em procurar entender a dinâmica desta relação presente comigo, como expressão de relações objetais arcaicas.

Esta paciente coloca um dilema para mim na transferência. Se cedo, procurando responder às suas necessidades que me parecem razoáveis de mudança de horários, Ana sente que me seduziu e me despreza. Se não cedo, sente que não tenho simpatia por ela, pelo seu problema e se sente desprezada. Ao supervalorizar sua beleza, Ana está se defendendo de um núcleo depressivo baseado numa crença de que não tem nada para oferecer aos outros, a não ser sua beleza. Esta é a armadilha que o analista deve procurar desmontar via interpretações, mostrando o que ocorre, enquanto está ocorrendo, sem reassurar a ou fazer qualquer outra coisa que não seja interpretar.

Através desta sessão procurei ilustrar meu ponto de vista sobre os pressupostos que subjazem às nossas interpretações. Para mim a interpretação é a principal forma de comunicação com o paciente e seu objetivo é o de esclarecer a fantasia inconsciente que está sendo atuada na transferência e produzir um insight sobre sua significação. Estou utilizando a palavra insight no sentido dado a ela pelo The Oxford English Dictionary, isto é: "visão interna através dos olhos da mente ou da compreensão". Esta fantasia é parte do material, isto é, da vida psíquica do paciente e é constantemente atuada no seu dia a dia. Interpretá-la baseada em evidências fornecidas pelo próprio paciente é uma maneira de apresentá-lo a si mesmo e criar condições para que o paciente recupere aspectos perdidos de suas experiências e funções mentais, tornando-se mais capaz de se auto-observar.

Chomski (apud Mahoney, 1987) fala em função recursiva da linguagem, sendo esta aquela capacidade de entendermos frases que nunca ouvimos antes. Penso que uma análise bem sucedida instaura o que poderíamos chamar metaforicamente de função recursiva do psiquismo.

## Referências

- ANZIEU, D. (1969) La interpretación: su escucha y su comprensión por el paciente. *Revista de Psicoanálisis*, 29:283-297
- FERRO, A. (1992). *La tecnica nella psicoanalisi infantili*. Milão: Raffaello Cortina Editore.
- FREUD, S. (1900). *The Interpretation of Dreams*, SE IV V. (1914). Remembering, repeating and working through. S. E. 12.
- GOULD, G. (1991). Contrafação, Imitação e Processo Criador. *Novos Estudos, Cebrap*, 30: 226-236.
- JOSEPH, B. (1988). *Relações de Objeto na Prática Clínica*. In *Equilíbrio Psíquico e Mudança Psíquica*. Joseph (1992). Rio de Janeiro: Imago.
- LAPLANCHE, J. B. (1987). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF.
- MAHONY, P. (1987). *Psychoanalysis and Discourse*. London, New York: Tavistock Publications. (Ed. Bras.) Mahony, P. (1990). *Psicanálise e Discurso*. Rio de Janeiro: (mago).
- MELSOHN, I. (1990). Comunicação ao Congresso de Roma. *IDE*, 19, p. 30.
- ROCHA BARROS, E. L. (1991). Mudança psíquica em análise de crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 25, 4: 683-700.
- SEGAL, H. (1981). *Psychoanalysis and Freedom of Thought*. In *The Work of Hanna Segal*. New York, London: Janson Aronson.
- SANDLER, J. (1989) On internal object relationships. *Bulletim of the British Psychoanalytical Society*. Maio de 1989. Este trabalho foi apresentado na reunião científica da Sociedade Britânica de Psicanálise, dia 7 de junho de 1989. Anteriormente havia sido apresentado na reunião da Associação Americana de Psicanálise de Nova Iorque em 16 de dezembro de 1988.
- STRACHEY, J. (1934, 1969, 1981). The nature of therapeutic action of Psycho Analysis. In *Classics of Psycho Analytic Technique*. Robert Langs (Ed) (1981). New York/London: Janson Aronson.

### **Elias Mallet da Rocha Barros**

Rua Bahia 71 7A  
01244-001 São Paulo - SP  
Fone: (011) 826-2202

© Revista de Psicanálise - SPPA

---

\* Trabalho apresentado no simpósio "A comunicação do analista: sua clínica a seus pressupostos teóricos", realizado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

\*\* Membro Efetivo da SBPSP e da Sociedade Britânica de Psicanálise.